

A MULHER E A MATERNIDADE



(Capela Santa Teresinha do Menino Jesus, Tijuana, BC, México – 10/05/12).

A MULHER E A MATERNIDADE

(Capela Santa Teresinha do Menino Jesus, Tijuana, BC, México – 10/05/12).

Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém. Que a graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, o amor do Pai, a comunhão do Espírito Santo e a proteção de Maria Santíssima, Mãe de Deus e nossa Mãe, estejam, queridos irmãos, com todos vocês.

Iniciamos, celebramos, continuamos e terminamos esta Eucaristia em honra de Deus, Nosso Pai. Para Ele vai nosso louvor, nossas felicitações, para Ele vão todas as oportunidades que a vida nos apresenta para acrescentar o amor; entre as quais – sem desvalorizá-las, mas, ao contrário, exaltando-as – está o que hoje estamos celebrando em todo o México: o dia de nossas mães; presentes, ausentes, adotivas, espirituais, religiosas, educadoras, patriotas, vivas e falecidas. Portanto, esta comemoração do dia das mães nos permite, como cristãos, celebrar a Santa Missa para louvar, reverenciar e servir a Deus nosso Senhor. Quem não tem essa fé estará comprando hoje flores e presentes à suas mães – que lhes servirão (ou não) -, e me alegro que seja assim; porém, nós, cristãos, utilizaremos toda oportunidade da vida para louvar, reverenciar e servir a Deus nosso Senhor.

Por isso, quem melhor vai felicitar, abençoar e presentear a vocês – mães – neste dia não somos nós, seus filhos, mas será Deus, quem lhes presenteou com a vida, e através de vocês presenteou-nos também com esse dom. Antes de mais nada, para honrar a Deus, felicitar à nossas mães, para não perder o equilíbrio e a simplicidade na vida e que Deus, como em Maria Santíssima, siga fazendo maravilhas em vocês e em toda a humanidade, iniciamos esta Eucaristia com a humildade de nossos corações, reconhecendo nossos pecados.

Leitura do Santo Evangelho segundo São Lucas (1, 26-38):

“No sexto mês de gravidez de Isabel, (no sul da antiga Palestina), o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galiléia, (ao norte) chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um varão chamado José, da casa de Davi; e o nome da virgem era Maria. Entrando onde ela estava, disse-lhe: “Alegra-te cheia de graça, o Senhor está contigo”! Ela ficou intrigada com essas palavras e pôs-se a pensar qual seria o significado da saudação. O anjo, porém, acrescentou: “Não temas, Maria! Encontraste graça junto de Deus. Eis que conceberás no teu seio e darás à luz a um

filho, e tu o chamarás com o nome de Jesus. Ele será grande, será chamado Filho do Altíssimo, e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai; ele reinará na casa de Jacó para sempre, e o seu reinado não terá fim”. Maria, porém, disse ao Anjo: “Como é que vai ser isso, se eu não conheço homem algum”? O anjo lhe respondeu: “O Espírito Santo virá sobre ti e o poder do Altíssimo vai te cobrir com a sua sombra; por isso o Santo que nascer de ti será chamado Filho de Deus. Olha, também Isabel, tua parenta, concebeu um filho na velhice, e este é o sexto mês daquela que era considerada estéril. Porque para Deus nada é impossível. Disse, então, Maria: “Eu sou a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra!” E o anjo a deixou.

Introdução:

O que pode ser melhor para retribuir e agradecer àquelas que presentearam toda humanidade com o dom da vida - que é dado por Deus - que celebrar a Santa Missa? Porém, enquanto o resto da sociedade tem hoje por protagonistas suas mães – e por esse motivo se movem os comércios, as festas, os “*mariachi*”, os panteões¹, os presentes e as lojas – nós, cristãos, temos por motivo central ontem, hoje e sempre, no dia 10 de maio, dia 14, 18 e todos os dias, a Deus Nosso Senhor. Portanto, cada acontecimento da vida, especialmente hoje no dia das mães, nos serve e aproveitamos para aumentar o nosso amor a Deus.

Neste sentido, a alma apaixonada aproveita todas as oportunidades da vida e as relaciona com o que ama. Quem já teve um coração apaixonado sabe ao que me refiro: tudo é motivo de relação com aquilo que se ama. Portanto, neste dia nós, cristãos, não festejamos as nossas mães, festejamos a Deus... e graças a nossas mães, hoje podemos celebrar uma Missa. O mesmo ocorre quando celebramos um aniversário de quinze anos de uma menina: não fazemos uma Missa por ela, mas para Deus, aproveitando seus quinze anos. Quando celebramos uma primeira comunhão, não a fazemos pelas crianças: a fazemos por Deus, por Jesus Cristo que é quem entrega seu Corpo e seu Sangue; e aproveitamos que as crianças recebem pela primeira vez a Eucaristia, para aumentar nosso amor a Jesus Eucarístico. E assim fazemos também quando celebramos uma Missa na conclusão de um trabalho, uma Missa de bodas ou uma Missa de casamento, que não a fazemos pelos noivos, mas por Deus, aproveitando o amor que se têm os noivos. Portanto, para os cristãos, tudo é oportunidade de amar a Deus, tudo nos fala de Deus, como diria São Francisco, que ao ver uns palitos atirados na rua via a Cruz de Cristo.

¹ Túmulos.

E o quê pode ser melhor que este motivo que temos os cristãos de celebrar a Deus, para agradecer e parabenizar também às nossas mães? Ou então, perguntem em primeiro lugar a elas, que nos antecederam nesta vida, se não estão desejando mais que balões, flores ou presentes, a graça de Deus para viver eternamente com Ele no céu. Ou perguntem também a nossas mães vivas, ou adotivas, ou avós -que são as *'grandmothers'*, como se as chama em inglês – ou às nossas madrinhas – que são as *godmothers*, as que representam a Deus – o que lhes serve mais: uma serenata, uma bola de futebol – como dei uma vez de presente a minha mãe no dia de seu aniversário -, ou uma Santa Missa, com a qual a graça de Deus transborda de maneira sobreabundante.

Que dignidade para uma mulher que se tornou mãe, receber neste dia, mais do que a gratidão de seus filhos, a graça de Deus! E não porque não sejamos gratos a elas, mas porque, como diz o ditado popular, do qual tanto se abusa: “que Deus te pague”. Isto é: que Deus seja verdadeiramente quem agradeça a “minhas mães” tudo o que fizeram por mim, tudo o que eu desejaria agradecer-lhes e não dou conta, porque não alcanço a retribuir. Portanto, verdadeiramente, que Deus te pague o que fizeste por mim e pela humanidade inteira. Parece-me que é muito melhor que Deus lhes agradeça, do que um servidor. Eu o farei com muito carinho, porém, será muito pouco, comparado com o que Deus pode bendizer, gratificar e parabenizar.

I) Não podemos esquecer que hoje, em primeiro lugar - não pela importância, mas pela história – estamos recordando a primeira mãe da humanidade: Eva: “*a mãe de todos os viventes*²”; aquela que procede de Deus e engendrou seus filhos em relação com Adão³. Parece uma bobagem o que digo, porque são as primeiras páginas da Bíblia; porém, na vida cotidiana, às vezes perdemos de vista que a verdadeira dignidade da mulher está na procedência de onde lhe vem a vida, que é de Deus. Se para parabenizá-la, homenageá-la e elevá-la, separamo-la isolando-a do verdadeiro motivo de onde procede a vida que ela nos deu, a desvalorizamos. É o mesmo que cortarmos o fio de uma pipa: voou muito alto, porém se perdeu, “subiu pra cabeça” e não a vemos nunca mais. Ou, quando cortamos as flores de uma planta: no primeiro dia a vemos muito bonita, mas no terceiro dia já cheira mal, porque a desconectamos da vida. Como disseram sobre Lázaro: “*Senhor, cheira mal, já faz quatro dias que está morto*⁴”.

² Gên. 3, 20

³ Gên. 2, 21-22

⁴ Jo 11,39

Assim ocorre com as pessoas quando as desconectamos de sua origem, de sua substância, de sua essência: querendo exaltá-las, as cortamos do galho, e então duram dois dias. Ou porque “subiu à cabeça”, pensando que são Deus, ou porque nós mesmos, pretendendo homenagear a nossas mães, as desconectamos de sua essência e acabamos por desvalorizá-las. Porque às vezes o valor do individuo não é por ele mesmo, mas pelo que ele representa. Neste momento, vocês estão me escutando, e não fazem isso pelo rosto que tenho nem pelas minhas palavras, mas porque represento a Cristo; se eu corto com isso – que Deus não permita! – *que se me cole a língua ao céu da boca*⁵ – serei como a flor de um só dia e à tarde me joga no lixo. Portanto, estamos conectados com Deus. Por isso dizemos que Eva é *a mãe de todos os viventes*, porque procede de Deus.

Em segundo lugar, Eva é a mãe de todos os viventes em relação com Adão, ou seja, em relação com o homem, com sua família, com sua época, com sua sociedade. Não podemos dissociá-la de todo esse conjunto de fatores que têm a ver com a maternidade e que a fazem sublime e digna, longe de humilhá-la. Se a própria mãe se desconecta de Deus ou do homem, não somente se deprecia, mas gera muitas interrogantes em nós, filhos – que não as diremos a ela por respeito, por delicadeza e porque agradecemos muito a nossas mães. Porém, quando encontramos a mãe sozinha – “heroica, criando a seus filhos”... a mulher “abnegada, que seguiu em frente mesmo sem ter quem a acompanhasse” – a gente se pergunta: “por que ninguém te acompanhou?”; “o que aconteceu com aquele que me gerou?”; “por quê se foi?”... “Não, não se foi, eu fui violentada”..., (com todo respeito, vamos supor o pior dos casos...). Enfim, ficam muitas perguntas sobre o porquê se apresentam sozinhas no mundo; não vamos dizer para elas, porque agradecemos seu heroísmo. Porém, cuidado com o isolamento! Com o corte da mulher de suas raízes, por mais humildes que sejam. Porque se a isolamos para “exaltá-la” – repito – voará como uma pipa ou fica desvaloriza para nós como a flor que cortamos da planta.

II) A mãe também é aquela criatura que recebe de nós, seus filhos, especialmente nesses dias, todos nossos presentes e nos agradece, como a bola de futebol, ou qualquer bobagem que lhe presenteemos neste dia, pensando mais em nós do que nela: “Te trouxe aqui, mamãe, uma barraca para espantar mosquitos, pois, estás precisando”; “Obrigada filhinho, que linda barraca!”. “Mamãe, te trago aqui um bote inflável que podes precisar para pescar”; “Que precioso bote, meu filhinho,

⁵ Sal 136, 6

estava sonhando com isso há muito tempo!” Ou: “Aqui te trago essa vara de pescar, mamãe, para algum dia que queiras ir ao rio pescar”; “Que divina vara, meu filhinho!” E assim acontece especialmente neste dia: uma grande quantidade de presentes inúteis damos para nossas mães... pensando mais em nós mesmos do que nela, com certeza, porque depois iremos pedir emprestado a barraca, o bote e a vara de pescar; como aconteceu quando eu era criança, que dez minutos depois de dar uma bola de futebol a minha mãe, pedi que ela a emprestasse para mim.

Porém, o que quer dizer esse carinho com a que a mãe aceita todos os presentes? Psicologicamente significa que também a mãe recebe com carinho, e até agradece, todas nossas projeções, tudo o que nós lhe depositamos em forma de fantasias, de idealismos, de pensamentos, de elogios ou de críticas: “minha mãe é a mais linda do mundo”, “é Deus”, “sabe tudo”, “tem tudo”, “sempre me entende”. Ou seja, é uma imagem de Deus, e lhe projetamos esse presente; portanto, minha mãe, para me fazer o bem, o assume e não o fica discutindo comigo. Porque se para a criança é importante acreditar que sua mãe é o máximo, está perfeito. Porém, por dentro, espero que não o creia; porque da mesma maneira amanhã, no primeiro erro, ou no primeiro limite que impor a seus filhos, também lhe projetaremos e presentearmos a nossas mães todas as críticas: “mamãe ruim”, “mamãe perversa”, “a pior mãe do mundo”, “não te quero mais: porque não gosto do remédio, porque me levaste pra tomar a vacina, porque me mandaste ir pra escola”, “já não me amas mais”, etc. Então, da mesma maneira que lhe projetamos muitas virtudes, fazendo dela um deus, também lhe presentearmos muitas críticas, fazendo dela pouco menos do que o diabo. Mas minha mãe não é nem Deus nem o diabo; é uma grande mulher, com suas virtudes e seus defeitos, com a imensa e sublime vocação de transmitir a vida, o amor e a educação, porém com erros, como até a própria Virgem Maria teve: pecado não, erros sim; quando Jesus ainda menino a questionou dizendo: “porque te preocupaste, se eu devo ocupar-me com as coisas de meu Pai⁶?”, estava lhe apontando um erro. Ou quando estava pregando e sua mãe de longe lhe disse: “Vem, meu filhinho” – e mandou chamar-Lhe –, Jesus responde: “*Minha mãe e meus irmãos são os que escutam a palavra de Deus e a praticam*”⁷. Se até a Virgem Maria cometeu erros, por ser humana, – não cometeu pecados, pois foi Imaculada desde sua concepção –, como não irão também cometer erros nossas próprias mães! Assim que: nem deuses nem

⁶ Lc 2, 49

⁷ Lc 8, 21

demônios. Mas recebem com carinho e com gratidão, todos esses “presentinhos” que os filhos lhes penduramos.

III) Ser mãe não começa quando se engravida, nem quando as crianças nascem: as mulheres começam a preparar-se para a maternidade desde muito pequeninhas, favorecendo o instinto maternal que Deus pôs em cada uma delas. No dia de amanhã ela será ou não mãe biológica; porém já desde pequeninha a mulher, a menina, tem essa tendência de proteger os fracos, de cuidar dos enfermos, de criar os cachorros, de “educar” a suas bonecas, de dar um copo de água a quem necessita, de defender o menor em lugar de ao maior, tendo ou não tendo razão. Assim o afirma uma autora chamada Gertrudis Von Le Fort, em seu livro “*A mulher eterna*”: “... *Da mesma maneira que a mulher maternal dá de comer ao faminto, consola também ao triste, os fracos e culpados, os caluniados e perseguidos, inclusive os condenados; todos aqueles que o mundo jurídico já não quer suportar nem proteger. Todos têm supremo direito ao consolo e à compaixão da mulher maternal*”. Se a mulher desde pequena vai atendendo, cuidando e desenvolvendo esse instinto maternal que tem, será isso que tornará ela madura para exercer o papel de mãe no dia de amanhã, se seu ventre e Deus o determinam; e se Deus lhe dá outros filhos, será também uma ótima mãe. Assim foi Madre Teresa de Calcutá, por exemplo, que não gerou segundo seu ventre, mas “gerou” muitos filhos. Ou minha tia avó, que ficou solteira e, no entanto, foi madrinha de muitos. Ou a professora da escola, que foi uma mãe para seus alunos; ou a mãe Pátria, etc. Definitivamente, tantas figuras que exerceram esse papel, foram se preparando desde pequenas, favorecendo o instinto maternal que Deus colocou nelas.

IV) Estamos celebrando as mães vivas, as falecidas, as espirituais, as religiosas, as adotivas, as que estão no céu; o que significa que ser mãe não é somente uma função biológica, mas – como diriam os psicólogos – uma função arquetípica, algo que abarca a humanidade. Paul Evdokimov, um teólogo russo, em seu livro “A mulher e a salvação do mundo” fala disso que estou lhes dizendo: que a mulher tem uma função educadora e que acompanha à humanidade inteira. Também fala disso o livro de Leonardo Boff, “O rosto materno de Deus”. Estamos falando então, de um arquétipo, porque experimentamos a sensação maternal de proteção quando entramos em uma casa, quando entramos em uma caverna, quando nos abrigamos, quando nos cobrimos, quando mergulhamos na água. Assim refere também um psicólogo, Carl Jung, em “Arquétipos e inconsciente coletivo”: “... *É esse amor maternal que*

representa uma das recordações mais comovedoras e mais inesquecíveis do adulto e constitui a raiz secreta de tudo o que acontece e toda transformação, que é a volta ao lar e a volta a si mesmo e é o silencioso fundamento de todo começo e de todo final... (...) (a mãe) é incumbida, por casualidade, de ser portadora dessa vivência que a contém em si a ela, a mim e a toda a humanidade... a toda criatura vivente que chega a ser e passa: a vivência da vida, da qual somos criaturas (...) ela é portadora de tudo o que a vida contém; a vida à qual estamos confiados e entregues como crianças...”. Portanto, trata-se de todas essas vivências maternas que refletem para nós segurança e confiança; por isto estamos celebrando as mães em toda sua dimensão, e não somente em sua função biológica.

V) Mãe é também a pessoa que marca limites, que diz que não, ou deveria dizê-lo, quando as crianças já têm mais de dois anos; logicamente, antes dos dois anos, se deve dizer sim a tudo, para que cresçam sãos, fortes e seguros. Porém, depois dos dois anos, mais ou menos, depois do controle dos esfíncteres, já começa o “não”: “isto sim, isto não”, e ali começa a educação, o corte do cordão umbilical psicológico. Não se corta o “cordão umbilical” do umbiguinho do bebê unicamente quando ele vem ao mundo, vai sendo cortando muitas vezes ao longo da vida. A mãe que seja resistente a esses cortes do cordão umbilical, não somente trai sua vocação, como também arruína a seus filhos (lhes falo como filho); ela faz isso por excesso de proteção, por possessão, por apropriação, por estar sempre em cima do filho, por acreditar que dessa maneira o ajuda. E o que ocorre é que lhe asfixia, e assim vão se tornando indivíduos inúteis, “parasitas”, rebeldes ou caprichosos. E então, a culpa é da sociedade ou da escola? Não! Devemos vê-la em sua maneira de agir, não foi “cortando os cordões umbilicais” ao longo das diferentes etapas da vida. A mulher que é mãe deve ir se preparando também para o dia de amanhã, quando seus filhos criarão asas e começarem a voar. A mãe deve estar disposta novamente a permitir e a favorecer o desenvolvimento de seu filho. E essa capacidade de entrega da mãe, que não se apropria de seu filho, é o que torna ela grande, porque entrega os filhos Àquele que os deu para ela, que é Deus nosso Senhor.

VI) Caso contrário, é como se a mãe fosse fiel somente ao que diz a etimologia da palavra “mãe”, “mater”, que vem de “matéria”, ou de madeira. A matéria, a terra, o material, o alimento, o corpo, são importantes; porém, não é o mais importante, já que o mais importante é o espírito. Para uma plantação, o mais

importante não é a terra, mas sim, a semente e a chuva; claro que se não há terra não nasce nada. Com a semente, com o semeador, com a chuva, tudo germina e cresce; enquanto que somente com terra obtemos apenas “mais terra”. Porque “*o que nasce da carne é carne, o que nasce do Espírito é espírito*”⁸.” Por isso, a mãe não transmite somente o amor, a vida, mas também educação, formação, limites, incentiva seus filhos para que se tornem independentes; que possam ir crescendo e amadurecendo como pessoas. Se não age assim, pode **gerar no filho muitos complexos e sentimentos de inferioridade, prepotência, soberba, ou, ao contrário, inutilidade e estagnação**; ao mesmo tempo, pode gerar no filho muitas sensações que continuam inclusive depois da morte da mãe. Acontece como com aquela personagem de Rider Haggard, *She* ou *Ela*, que era uma mulher que tinha tanto poder, tanta influência em sua comunidade, que se a chamava: “a eternamente jovem”, “a que sabe tudo”, “à que não se pode desobedecer” e “a que nunca morre”. Santa Maria!... Digam-me se estas não são as características de Deus, e não da mulher?!

VII) Porém, quando a mulher em sua maternidade vai gerando e dando passos positivos, como lhes acabei de assinalar anteriormente, quando inicia, transmite e acompanha a seus filhos – físicos, espirituais, ou morais, ou à humanidade toda – no crescimento espiritual, desta maneira a mulher está colaborando, não somente com a tarefa de trazer filhos ao mundo, mas na missão de iniciá-los na dignidade, na superação, no crescimento, no melhoramento.

Por isso, pouco a pouco, e como estamos neste momento celebrando a Missa, somos conduzidos a um novo e definitivo renascimento mediante o Batismo, onde chamamos à Igreja de *Santa Mãe Igreja*; e desde aí, as mães físicas, biológicas, mães educadoras, mães carinhosas, mães que acolhem tudo o que nós lhes projetamos e que nos agradecem tudo e estão presentes em tudo... vai-se nos conduzindo, pouco a pouco, para **a verdadeira maternidade, que é a espiritual**. Por essa maternidade de acompanhamento, de apostolado, de evangelização e condução espiritual que exercemos em **nossa Santa Mãe Igreja**, que começa no ventre da pia batismal como se fosse um novo ventre onde há água benta – não mais a água do líquido amniótico – somos presenteados com a nova vida, porque vai nos transformando de pessoas meramente físicas em pessoas espirituais.

⁸ Jr 3,6

VIII) E por isso a Mãe Igreja toma seu tipo, seu modelo – segundo diz o capítulo VIII da Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, do Vaticano II – de **Maria Santíssima, Mãe de Deus e Mãe nossa**. Como acabo de ler para vocês no Evangelho, o anjo Gabriel, enviado por Deus, lhe diz claramente: “Não somente serás mãe, mas serás a Mãe de Deus⁹”. E Maria, longe de ensoberbecer-se, mas, com toda humildade, e também sem deprimir-se ou desanimar por semelhante tarefa, mas confiando em Deus, com toda a humildade e simplicidade que a caracterizou, foi uma mãe simples e foi a Mãe de Deus. Ao mesmo tempo, com Cristo na Cruz, quando Jesus lhe disse: “*Eis aqui o teu filho*¹⁰”, daí em diante Maria Santíssima, a *Theotokos*¹¹, a Mãe de Deus, passou a ser nossa Santa Mãe (Declaração dogmática do Concílio de Éfeso, do ano 430). Neste dia das mães, a invocamos como modelo, pedindo-lhe por todas as nossas mães; em primeiro lugar pelas que nos honram com sua presença aqui... por muitas outras; pelas que em outras Missas estão também hoje dando graças a Deus; por aquelas que por um motivo ou por outro não podem ir à Missa: que Deus e Maria Santíssima também as bendigam, as fortaleçam, e as acompanhem. Pedimos também por nossas mães falecidas para que Deus as tenha em sua santa glória; e por todas aquelas que de uma maneira ou de outra, a exemplo de Maria e de nossa Santa Mãe Igreja, exerceram a maternidade sobre todos nós, a humanidade inteira: que Deus as abençoe e lhes agradeça; para que ao fim dos tempos nos encontremos todos juntos, não somente com nossas mães e nem somente com nossos filhos, mas especialmente com o Filho de Maria, morto na Cruz e ressuscitado por amor a nós... Filho de Maria e nosso Salvador.

Muitas felicidades, que Deus as abençoe e que assim seja.

⁹ Lc 1, 31-32

¹⁰ Jo 19, 26

¹¹ Título grego de Maria, mãe de Jesus.